

FICHA TÉCNICA

Título original: *Gregor The Overlander*

Autora: *Suzanne Collins*

Copyright © 2003 by Suzanne Collins

Todos os direitos reservados

Edição original publicada por Scholastic Inc., 557 Broadway, New York, Ny 10012, USA

Edição portuguesa publicada por acordo com Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona — www.uklitag.com

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Jaime Araújo*

Capa © 2013 Arnaldo Mondadori Editore S.p.A., Milano

Ilustração do morcego voador de Marco Mantovani

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2015

Depósito legal n.º 399 549/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PARTE 1

A QUEDA

CAPÍTULO

1

Gregor pressionara a testa contra a rede durante tanto tempo que podia sentir um padrão de quadrados minúsculos por cima das sobrancelhas. Passou os dedos pelos altinhos e resistiu ao impulso de soltar um grito primitivo de homem das cavernas. Crescia-lhe dentro do peito, aquele longo uivo gutural reservado para verdadeiras emergências — como quando encontrávamos um tigre-dentes-de-sabre sem a nossa clava ou o nosso fogo se extinguia durante a Idade do Gelo. Chegou mesmo a abrir a boca e a respirar fundo antes de bater novamente com a cabeça na rede com um pequeno ruído de frustração. — Argh.

De que adiantava aquilo, afinal? Não mudaria nada. Nem o calor, nem o tédio, nem o interminável período de verão à sua frente.

Pensou acordar Boots, a sua irmã de dois anos, só para se distrair um pouco, mas deixou-a dormir. Pelo menos ela não tinha calor no quarto com ar condicionado que partilhava com Lizzie, a irmã de sete anos, e com a avó. Era o único quarto com ar condicionado no apartamento. Nas noites mesmo quentes, Gregor e a mãe estendiam mantas

no chão para dormir, mas com cinco pessoas no quarto a temperatura não arrefecia, ficava apenas morna.

Gregor tirou um cubo de gelo do frigorífico e esfregou-o na cara. Olhou lá para fora para o pátio onde um cão vadio farejava um caixote de lixo quase a transbordar. O cão pôs as patas na borda, derrubando o caixote e espalhando o lixo pelo passeio. Gregor vislumbrou duas pequenas sombras correndo ao longo do muro e fez uma careta. Ratos. Na verdade, nunca se habituara aos ratos.

Tirando isso, o pátio estava deserto. Normalmente, encontrava-se cheio de miúdos a jogar à bola, a saltar à corda ou às voltas nas barras, provocando grande chiadeira. Mas naquela manhã o autocarro já tinha partido para o campo de férias e todos os miúdos com idades entre os quatro e os catorze anos tinham seguido nele. Exceto um.

— Lamento, querido, não podes ir — dissera-lhe a mãe, semanas antes. E ele percebera pela expressão do seu rosto que ela o lamentava, de facto. — Alguém tem de tomar conta da Boots enquanto eu estiver no trabalho. E ambos sabemos que a tua avó já não pode.

Claro que ele sabia. No último ano, a avó começara a perder a noção da realidade. Num momento estava lúcida como uma jovem e no outro estava a chamar-lhe Simon. Quem era Simon? Ele não fazia ideia.

Teria sido diferente há uns anos. Então, a mãe trabalhava apenas a tempo parcial, e o pai, que dava aulas de ciências na escola secundária, tinha os verões livres. Ele teria tomado conta de Boots. Mas desde que o pai desaparecera uma noite, o papel de Gregor na família mudara. Ele era o mais velho e, por conseguinte, arcara com grande parte do fardo. Tomar conta das irmãs mais novas constituía uma grande parte desse fardo.

Então Gregor respondera apenas: — Não faz mal, Mãe. O campo é para miúdos, de qualquer maneira. — Tinha encolhido os ombros para mostrar que, com onze anos, já não se interessava por coisas como o campo de férias. No entanto, de alguma maneira, isso fez a mãe parecer mais triste.

— Queres que a Lizzie fique em casa contigo? Para te fazer um pouco de companhia? — perguntara a mãe.

Uma expressão de pânico atravessara o rosto de Lizzie. Ela provavelmente ter-se-ia desfeito em lágrimas se Gregor não tivesse recusado a oferta. — Não, deixe-a ir. Eu fico bem com a Boots.

Portanto, ali estava. Nada bem. Não podia estar bem, encafuado em casa durante o verão inteiro com uma bebé de dois anos e a avó que julgava que ele era alguém chamado...

— Simon! — ouviu a avó a chamar do quarto. Gregor abanou a cabeça, não conseguindo evitar sorrir um pouco.

— Já vou, Avó! — respondeu, mastigando o resto do seu cubo de gelo.

Um brilho dourado enchia o quarto com a luz da tarde que tentava entrar pelas persianas. A avó estava deitada na cama, coberta por uma fina manta de retalhos. Cada retalho pertencera a um vestido que ela fizera para si ao longo dos anos. Nos seus momentos de lucidez, ela gostava de descrever a manta, com todos os pormenores. — Usei esta musselina às pintinhas na formatura da minha prima Lucy, quando tinha onze anos. Este amarelo-limão era de um vestido de domingo e este branco, na verdade, é um canto do meu vestido de casamento. Não estou a mentir.

Mas aquele não era um momento de lucidez.

— Simon — chamou ela, parecendo aliviada quando o viu entrar no quarto. — Pensei que te tivesses esquecido do farnel. Vais ter fome na lavoura.

A avó fora criada numa quinta em Virgínia e tinha vindo para Nova Iorque para se casar com o avô de Gregor. Na verdade, nunca se habituara à cidade. Às vezes Gregor ficava alegre, secretamente, por ela poder regressar àquela quinta na sua mente. E um pouco invejoso. Não era divertido ficar o dia inteiro no apartamento. Naquele momento, o autocarro provavelmente já estaria a chegar ao campo e Lizzie e os outros miúdos estariam...

— Guê-gô! — choramingou uma vizinha. Uma cabeça cheia de caracóis espreitou por cima da orla do berço. — Qué saí! — Boots meteu a ponta molhada da cauda de um cão de peluche na boca e estendeu os braços. Gregor levantou a irmã no ar e deu-lhe um beijo barulhento na barriga. Ela riu-se e deixou cair o cão. Ele colocou-a no chão para o apanhar.

— Não te esqueças do chapéu! — chamou a avó, ainda algures em Virgínia.

Gregor pegou-lhe na mão para tentar chamar-lhe a atenção. — Quer uma bebida fresca, Avó? Que tal uma cerveja de raiz?

Ela riu-se. — Uma cerveja de raiz? Porquê, faço anos? Como é que se respondia a uma coisa daquelas?

Gregor apertou-lhe a mão e pegou na Boots ao colo. — Volto já — disse em voz alta.

A avó continuava a rir-se. — Uma cerveja de raiz! — dizia, limpando os olhos.

Na cozinha, Gregor encheu um copo de cerveja de raiz gelada e preparou um biberão de leite para Boots.

— Fio — disse ela, sorrindo abertamente e pressionando o biberão contra o rosto.

— Sim, bem frio, Boots — assegurou Gregor.

Sobressaltou-se quando alguém bateu à porta. O olho mágico já não era usado há mais de quarenta anos. Ele chamou através da porta: — Quem é?

— É a senhora Cormaci, querido. Disse à tua mãe que ficava com a avó às quatro! — respondeu uma voz. Então Gregor lembrou-se da pilha de roupa suja que tinha de pôr a lavar. Pelo menos sairia do apartamento.

Abriu a porta para encontrar a Sra. Cormaci parecendo mirrada com o calor. — Olá! Não está horrível? Ouve, não suporto o calor! — Entrou apressadamente no apartamento, afagando o rosto com um velho lenço estampado. — Oh, és um sonho, isso é para mim? — inquiriu, e antes que Gregor pudesse responder ela estava a engolir a cerveja de raiz como se estivesse perdida no deserto.

— Claro — balbuciou Gregor, voltando para a cozinha para preparar outra bebida. Na verdade, não se importava com a presença da Sra. Cormaci, e naquele dia era quase um alívio vê-la. «Ótimo, Dia Um e estou ansioso por uma viagem à lavandaria», pensou Gregor. «Em setembro, provavelmente entrarei em êxtase quando chegar a conta do telefone.»

A Sra. Cormaci estendeu-lhe o copo para uma nova dose. — Então, quando é que me vais deixar ler-te o Tarot, senhor? Sabes que tenho o dom — asseverou. A Sra. Cormaci colocava anúncios nas caixas de correio oferecendo-se para ler o Tarot às pessoas por dez dólares a sessão. — A ti não cobro nada — dizia sempre a Gregor. Ele nunca aceitou, porque sabia que a Sra. Cormaci

acabaria por fazer muito mais perguntas do que ele. Perguntas às quais ele não podia responder. Perguntas sobre o seu pai.

Gregor murmurou qualquer coisa sobre a roupa suja e correu para a ir buscar. Conhecendo a Sra. Cormaci, esta provavelmente tinha um baralho de cartas de Tarot ali mesmo no bolso.

Na lavandaria, separou a roupa o melhor que pôde. Branca, escura, cores... O que devia fazer com os calções às riscas brancas e pretas de Boots? Atirou-os para a roupa escura, quase certo de que tomara a decisão errada.

De qualquer maneira, a maior parte da roupa estava mais ou menos cinzenta — por causa da idade, não por más escolhas de lavagem. Todos os calções de Gregor eram calças de inverno cortadas pelos joelhos e só algumas *T-shirts* do ano anterior é que ainda lhe serviam. Mas que importava isso, se ele ia ficar trancado no apartamento o verão inteiro?

— Bola! — chamou Boots, aflita. — Bola!

Gregor estendeu o braço entre os secadores e apanhou uma velha bola de ténis que Boots estivera a perseguir. Tirou o cotão do secador e lançou-o para o chão da lavandaria. Boots correu atrás do cotão como um cachorrinho.

«Que porcaria», pensou Gregor, rindo-se um pouco. «Que porcaria pegajosa, cheia de comida seca e pó!» Os restos do almoço, salada de ovo e pudim de chocolate, estavam ainda colados à camisa e ao rosto de Boots. Ela tinha pintado as mãos de roxo com marcadores de tinta lavável que, na opinião de Gregor, talvez só um jato de areia conseguisse remover, e a fralda caía-lhe pelos joelhos. Estava muito calor para lhe vestir calções.

Boots voltou a correr para ele com a bola. O cotão do secador flutuava-lhe nos caracóis. O seu rosto transpirado irradiava alegria quando ela lhe estendeu a bola. — O que te faz tão feliz, Boots? — perguntou Gregor.

— Bola! — instou ela, batendo-lhe com a cabeça no joelho, de propósito, para o apressar. Gregor atirou a bola pelo corredor entre as máquinas de lavar e os secadores. Boots correu atrás dela.

Enquanto continuavam a brincar, Gregor tentava lembrar-se da última vez que se sentira tão feliz como Boots se sentia com a sua bola. Ele tivera alguns bons momentos nos últimos dois anos. A banda da escola preparatória tinha ido tocar a Carnegie Hall. Isso tinha sido bem fixe. Ele tocara até um pequeno solo no saxofone. As coisas pareciam sempre melhores quando tocava; as notas pareciam transportá-lo para um mundo completamente diferente.

Correr também era bom. Forçar o corpo até conseguir expulsar tudo da mente.

Mas se quisesse ser sincero consigo mesmo, Gregor tinha de admitir que não sentia verdadeira felicidade há anos. «Há precisamente dois anos, sete meses e treze dias», pensou. Ele não tentava contar, mas os números registavam-se automaticamente na sua cabeça. Tinha uma calculadora interna que sabia sempre exatamente há quanto tempo o pai dele tinha desaparecido.

Boots podia ser feliz. Nem sequer tinha nascido quando tudo aconteceu. Lizzie tinha apenas quatro anos. Mas Gregor tinha oito e assistira a tudo; os telefonemas desesperados para a polícia, que se mostrara quase entediada com facto de o pai dele ter desaparecido. Era evidente que achavam que ele tinha fugido. Tinham até insinuado que tinha sido com outra mulher.

Isso simplesmente não era verdade. Se havia algo de que Gregor tinha a certeza, era de que o pai amava a mãe, de que o amava e à Lizzie, de que teria amado Boots.

Mas, então, como pôde ele abandoná-los sem uma palavra?

Gregor não podia acreditar que o pai abandonasse a família sem olhar para trás. — Aceita-o — murmurou para si mesmo. — Ele está morto. — Uma vaga de dor atravessou-lhe o corpo. Não era verdade. Não podia ser verdade. O pai ia voltar porque... porque... porque o quê? Porque Gregor o desejava tanto que tinha de ser verdade? Porque precisavam dele? «Não», pensou Gregor. «Porque o sinto. Eu sei que ele vai voltar.»

A máquina de lavar parou bruscamente e Gregor empilhou a roupa em dois secadores. — E quando voltar, é bom que tenha uma boa explicação para o que aconteceu! — resmungou Gregor, fechando com força a porta do secador. — Como alguém lhe bateu na cabeça e ele esqueceu-se de quem era. Ou que tinha sido raptado por extraterrestres. — Muitas pessoas eram raptadas por extraterrestres na televisão. Talvez isso pudesse acontecer.

Meditou muito sobre várias possibilidades, mas estas raramente incluíam o pai em casa. Havia um acordo tácito — o pai voltaria. Todos os vizinhos achavam que ele simplesmente tinha ido embora. Os adultos nunca falavam disso e a maioria dos miúdos também não — afinal, cerca de metade deles vivia só com um pai. Mas os desconhecidos às vezes perguntavam. Depois de um ano a tentar explicar, Gregor inventou a história de que os pais estavam divorciados e que o pai vivia na Califórnia. Era mentira, mas as pessoas acreditavam, ao passo que ninguém parecia acreditar na verdade. Fosse ela qual fosse.

— E quando ele voltar para casa posso levá-lo... — disse Gregor em voz alta, e interrompeu-se. Estava quase a infringir a regra. A regra era que não podia pensar em coisas que aconteceriam depois de o pai voltar. E como o pai podia voltar a qualquer momento, Gregor não se permitia pensar no futuro, de forma alguma. Tinha a estranha sensação de que se imaginasse acontecimentos concretos, como ter o pai de volta no Natal seguinte ou o pai a ajudar a treinar a equipa de atletismo, eles nunca se realizariam. Além disso, por mais feliz que sonhar acordado o deixasse, só serviria para tornar mais doloroso o regresso à realidade. Portanto, essa era a regra. Gregor tinha de se concentrar no presente e deixar o futuro entregue a si mesmo. Sabia que o seu sistema não era perfeito, mas era o melhor que tinha arranjado para o ajudar a passar os dias.

Gregor notou que Boots estava muito silenciosa, deixando-o desconfiado. Olhou em volta e assustou-se quando não a conseguiu ver imediatamente. Depois reparou numa sandália cor-de-rosa gasta a desaparecer pelo último secador. — Boots! Sai daí! — ralhou.

Tinham de estar sempre a vigiá-la ao pé de aparelhos elétricos. Ela adorava fichas e tomadas.

Atravessando rapidamente a lavandaria, Gregor ouviu um ruído metálico e depois um risinho de Boots. «Ótimo, agora está a dismantelar o secador», pensou Gregor, acelerando o passo. Quando chegou à parede do fundo, deparou-se com um estranho cenário.

A grade de metal de uma antiga conduta de ventilação estava completamente aberta, presa por duas dobradiças ferrugentas em cima. Boots estava a espreitar pela abertura, com cerca de sessenta centímetros por sessenta centímetros,

que dava para a parede do prédio. De onde se encontrava, Gregor nada conseguia ver exceto escuridão. Depois, uma fina espiral de... que era aquilo? Vapor? Fumo? Na verdade, não parecia nem uma coisa nem outra. Um vapor estranho saiu lentamente do buraco e envolveu Boots. Ela estendeu os braços curiosa e inclinou-se para a frente.

— Não! — gritou Gregor, precipitando-se para a agarrar. Mas o pequeno corpo de Boots parecia ter sido sugado pela conduta. Sem pensar, Gregor enfiou a cabeça e os ombros no buraco. A grade de metal bateu-lhe nas costas. Quando deu por si, estava a cair no vazio.

CAPÍTULO

2

Gregor virou-se no ar, tentando posicionar-se para não cair em cima de Boots quando atingissem o chão da cave, mas não surgiu qualquer impacto. Depois lembrou-se de que a lavandaria ficava na cave. Para onde tinha caído, então?

As espirais de vapor tinham-se adensado, transformando-se num nevoeiro denso que gerava uma luz mortiça. Gregor só conseguia ver alguns metros em qualquer direção. Os seus dedos tentavam agarrar desesperadamente a coisa branca, procurando um apoio, mas nada encontravam. Ele estava a cair tão depressa que a roupa entufava à sua volta.

— Boots! — gritou, mas o som foi-lhe devolvido num eco sinistro. «Esta coisa tem de ter lados», pensou. Chamou de novo: — Boots!

Um risinho animado surgiu de algures por baixo dele. — Guê-gô vai cá! — exclamou Boots.

«Ela julga que está num grande escorrega ou coisa parecida», pensou Gregor. «Pelo menos não tem medo.» Ele tinha medo suficiente pelos dois. O estranho buraco por onde tinham caído, qualquer que fosse, devia ter

um fundo. Aquele rodopiar através do espaço só podia terminar de uma maneira.

O tempo passava. Gregor não o podia contar, exatamente, mas parecia-lhe demasiado para fazer sentido. Havia com certeza um limite, para qualquer buraco. A dada altura teriam de bater em água ou rocha ou nas placas da terra ou qualquer coisa.

Parecia um sonho horrível que tinha às vezes. Estava num lugar alto, onde não devia estar, como o telhado da escola. Ao caminhar ao longo da borda, a matéria sólida por baixo dos pés cedia de repente e ele caía. Desaparecia tudo menos a sensação de cair, do chão a aproximar-se dele, de terror. Depois, no momento do impacto, acordava bruscamente, encharcado em suor e com o coração a martelar.

«Um sonho! Adormeci na lavandaria e este é o mesmo sonho maluco de sempre!», pensou Gregor. «Claro! Que mais poderia ser?»

Sossegado pela ideia de que estava a dormir, Gregor começou a medir a sua queda. Não tinha um relógio de pulso, mas qualquer pessoa sabia contar os segundos.

— Um Mississípi... dois Mississípi... três Mississípi... — Aos setenta Mississípi desistiu e começou a sentir novamente o pânico. Mesmo num sonho a queda tinha de terminar, não?

Nesse preciso instante, Gregor viu o nevoeiro começar a dissipar-se um pouco. Conseguiu distinguir a superfície lisa e escura de uma parede circular. Parecia estar a cair por um tubo enorme e escuro. Sentiu uma corrente de ar ascendente por baixo dele. Os últimos fios de vapor dispersaram-se e Gregor perdeu velocidade. A roupa voltou a colar-se-lhe lentamente ao corpo.

Por baixo dele, Gregor ouviu um pequeno baque e depois o tamborilar das sandálias de Boots. Momentos depois, os seus próprios pés tocaram em terra firme. Tentou perceber onde estava, mas não se atreveu a mexer-se. Cercava-o a escuridão total. Depois de a sua visão se habituar ao escuro, apercebeu-se de um ténue feixe de luz à sua esquerda.

Ouviu um guinchinho alegre atrás de si. — Bicho! Bicho gande!

Gregor correu em direção à luz. Esta infiltrava-se por uma pequena fenda entre duas paredes lisas de pedra. Ele mal conseguiu passar pela abertura. Ficou com a sapatilha presa em alguma coisa, desequilibrou-se, saiu aos tropeções de entre as paredes de pedra e caiu de mãos e joelhos no chão.

Quando levantou a cabeça, Gregor deu por si a olhar para a cara da maior barata que alguma vez tinha visto.

Ora bem, o seu prédio tinha alguns insetos grandes. A Sra. Cormaci afirmava que um bicho aquático do tamanho da mão dela tinha subido pelo cano da sua banheira, e ninguém duvidava dela. Mas a criatura diante de Gregor devia ter pelo menos um metro e vinte de altura. Era verdade que estava sentada sobre as patas traseiras, uma posição muito invulgar para uma barata, mas mesmo assim...

— Bicho gande! — repetiu Boots, e Gregor conseguiu fechar a boca. Voltou a ajoelhar-se, mas mesmo assim teve de inclinar a cabeça para trás para ver a barata. Esta segurava uma espécie de tocha. Boots correu para Gregor e puxou-lhe o colarinho. — Bicho gaaaande! — insistiu.

— Sim, estou a ver, Boots. Bicho grande! — sussurrou Gregor, abraçando-a com força. — Bicho... muito... grande.

Tentou lembrar-se do que comiam as baratas. Lixo, comida estragada... pessoas? Não achava que elas comessem pessoas. Bem, não as baratas pequenas. Talvez quisessem comer pessoas, mas eram sempre espezinhadas primeiro. De qualquer maneira, aquela não era uma boa altura para ficar a saber.

Tentando parecer descontraído, Gregor recuou lentamente para a fenda nas rochas. — Muito bem, senhora barata, então nós vamos andando... Desculpe se a chateámos... quer dizer, incomodámos, quer dizer...

— Cheirar o quê tão bem, cheirar o quê? — pronunciou uma voz sibilante. Gregor precisou de um minuto inteiro para perceber que a voz vinha da barata. Estava demasiado estupefacto para compreender as estranhas palavras.

— Hã... perdão? — conseguiu dizer.

— Cheirar o quê tão bem, cheirar o quê? — repetiu a voz sibilante, mas o tom não era ameaçador. Apenas curioso, e talvez um pouco ansioso. — Ser o humano pequeno, ser?

«OK, pronto, estou a falar com uma barata gigante», pensou Gregor. «Tem calma, sê simpático, responde ao bicho. Ele quer saber: “Cheirar o quê tão bem, cheirar o quê?” Então diz-lhe.» Gregor obrigou-se a farejar o ar e arrependeu-se. Só uma coisa cheirava daquela maneira.

— Cocó! — exclamou Boots, como se Gregor lhe tivesse dado a deixa. — Cocó, Guê-gô!

— A minha irmã precisa de uma fralda limpa — explicou Gregor, algo envergonhado.

A barata, se Gregor estivesse a ver bem, parecia impressionada. — Ahhh. Nós poder chegar mais perto, poder chegar mais perto? — perguntou, varrendo delicadamente o espaço à sua frente com uma pata.

— Nós? — indagou Gregor. E então viu as outras formas emergir da escuridão à sua volta. As bossas lisas e pretas que confundira com rochas eram na realidade os dorsos de outra dúzia de baratas enormes. Elas reuniram-se ansiosamente à volta de Boots, agitando as antenas no ar e estremecendo de prazer.

Boots, que gostava de qualquer tipo de elogio, percebeu instintivamente que estava a ser admirada. Estendeu os braços rechonchudos para os insetos gigantes. — Cocó — disse, graciosamente. As baratas produziram um som sibilante e aprovador.

— Ela ser princesa, Sobreterrestre, ela ser? Ela ser rainha, ela ser? — perguntou a líder, inclinando a cabeça em servil devoção.

— Boots? A rainha? — questionou Gregor. De repente, teve de se rir.

O ruído pareceu assustar as baratas, que se afastaram de maneira hirta. — Rir porquê, Sobreterrestre, rir porquê? — sussurrou uma, e Gregor percebeu que as havia ofendido.

— Porque nós somos, tipo, pobres e ela está suja e... está a chamar-me Sobreterrestre? — rematou Gregor, sem jeito.

— Tu não ser humano, Sobreterrestre, não ser? Tu não ser Subterrestre — disse a barata que segurava a tocha, observando-o de perto. — Parecer muito com Subterrestre mas não cheirar como Subterrestre.

Algo pareceu ocorrer à líder. — Rato mau. — Virou-se para as suas companheiras. — Deixar Sobreterrestres aqui, deixar? — As baratas reuniram-se para consulta e começaram todas a falar ao mesmo tempo.

Gregor apanhou bocados da conversa, mas nada que fizesse sentido. Estavam tão absortas no seu debate

que ele pensou tentar fugir de novo. Olhou em volta. À fraca luz das tochas, eles pareciam estar num túnel comprido e raso. «Temos de voltar para cima», pensou Gregor. «E não para o lado.» Com Boots nos braços, nunca conseguiria trepar as paredes do buraco pelo qual tinham caído.

As baratas chegaram a uma decisão. — Vocês vir, Sobreterrestres. Levar a humanos — ordenou a líder.

— Humanos? — inquiriu Gregor, sentindo-se aliviado. — Há outros humanos aqui em baixo?

— Tu montar, montar? Tu correr, correr? — perguntou a barata. Gregor percebeu que ela lhe estava a oferecer uma boleia. Não parecia suficientemente robusta para o transportar, mas ele sabia que alguns insetos, como as formigas, eram capazes de suportar várias vezes o seu peso. Gregor teve uma imagem repugnante de tentar sentar-se na barata e de a esmagar.

— Acho que vou a andar... quer dizer, a correr — respondeu.

— A princesa montar, montar? — perguntou a barata, esperançosa. Agitou as antenas insinuantemente e prostrou-se diante de Boots. Gregor teria recusado, mas a bebé subiu logo para as costas da barata. Ele já devia ter adivinhado. Ela adorava sentar-se nas tartarugas de metal gigantes no jardim zoológico do Central Park.

— Está bem, mas ela tem de me dar a mão — exigiu Gregor. Boots, obediente, agarrou-lhe o dedo.

A barata partiu imediatamente e Gregor deu por si a correr para a acompanhar. Ele sabia que as baratas eram velozes; tinha visto a mãe esmagar muitas. Pelos vistos, a velocidade daquelas baratas gigantes correspondia ao seu tamanho. Felizmente, o chão do túnel era regular, e

Gregor terminara os treinos de atletismo apenas semanas antes. Acertou o seu passo com o das baratas e logo encontrou um ritmo confortável.

O túnel era cheio de curvas e contracurvas. As baratas viravam para passagens laterais e às vezes até voltavam para trás para escolher um novo rumo. Minutos depois, Gregor estava completamente perdido, e o mapa do caminho que tentara gravar na cabeça assemelhava-se a um dos desenhos rabiscados de Boots. Desistiu de tentar lembrar-se das direções e concentrou-se em acompanhar os insetos. «Bem», pensou, «estes bichos conseguem mesmo correr!»

Gregor começou a arquejar, mas as baratas não mostravam quaisquer sinais visíveis de cansaço. Não fazia ideia da distância que iriam percorrer. O destino deles podia estar a centenas de quilómetros de distância. Quem sabia até onde aqueles insetos podiam correr?

Precisamente quando ia dizer-lhes que precisava de descansar, Gregor ouviu um barulho familiar. A princípio, julgou que estivesse enganado, mas ao aproximar-se teve a certeza. Era uma multidão e, a julgar pelo barulho, uma grande multidão. Mas onde podia caber uma multidão naqueles túneis?

O chão começou a descer a pique e Gregor deu por si a recuar para não pisar a líder das baratas. Algo macio e penugento roçou-lhe o rosto e os braços. Tecido? Asas? Atravessou a substância misteriosa e a luz inesperada quase o cegou. Tapou instintivamente os olhos e tentou habituá-los à luz.

Uma arfada coletiva de espanto irrompeu de uma multidão. Afinal, adivinhara essa parte. Depois, a multidão ficou-se estranhamente silenciosa, e Gregor teve a sensação de que um grande número de pessoas estava a olhar para ele.

Lentamente começou a perceber-se do ambiente que o rodeava. Afinal não havia muita luz — na verdade, parecia de noite —, mas ele já estava na escuridão há tanto tempo que não era capaz de adivinhar a hora. A primeira coisa que distinguiu foi o chão, que parecia estar coberto de um musgo verde-escuro. Só que não era irregular, mas liso como um pavimento. Ele sentiu a elasticidade debaixo dos pés. «É um campo», pensou. «Para um jogo qualquer. É por isso que há uma multidão. Estou num estádio.»

Lentamente, tudo se tornou claro. Uma parede lisa envolvia uma grande caverna oval com cerca de quinze metros de altura. A parte de cima da caverna tinha bancadas a toda a volta. Os olhos de Gregor percorreram as distantes filas de pessoas para tentar encontrar o teto. Mas em vez deste encontrou os atletas.

Uma dúzia de morcegos rodopiava lentamente no topo da arena. Tinham cores que variavam entre o amarelo-claro e o preto. Gregor calculou que as asas do mais pequeno tivessem uma envergadura de quase cinco metros. A multidão devia ter estado a observá-los quando ele entrou, porque o resto do campo estava vazio. «Talvez seja como em Roma. Alimentam os morcegos com pessoas. Se calhar foi por isso que as baratas nos trouxeram para aqui», pensou.

Um dos morcegos deixou cair qualquer coisa. Esta bateu no chão no meio do estádio e saltou quinze metros no ar. Ele pensou: «Ah, é só uma...»

— Bola! — exclamou Boots. E antes que Gregor pudesse detê-la, ela já tinha deslizado da barata, serpenteado por entre os outros insetos e começado a correr através do terreno musgoso com os seus passinhos desajeitados.

— Muito graciosa, a princesa — sibilou a barata, sonhadoramente. Gregor correu para ir buscar a irmã. Os insetos tinham-se desviado prontamente para deixar Boots passar, mas para ele elas pareciam uma percurso de obstáculos. Ou estavam a tentar travá-lo intencionalmente ou ficaram tão impressionadas com a beleza de Boots que se esqueceram dele por completo.

A bola bateu novamente no chão e voltou a saltar para o ar. Boots correu atrás dela, esticando os braços muito acima da cabeça para lhe seguir o trajeto.

Quando Gregor se libertou das baratas e correu para a irmã, passou-lhe uma sombra por cima. Levantou a cabeça e, para seu horror, viu um morcego dourado precipitando-se na direção de Boots. Ele nunca a alcançaria a tempo. — Boots! — gritou, sentindo o estômago contrair-se.

Ela voltou-se para ele e viu o morcego pela primeira vez. O seu rosto iluminou-se como uma árvore de Natal. — Mocego! — exclamou, apontando para o animal monstruoso por cima dela.

«Bem!», pensou Gregor. «Será que nada lhe mete medo?»

O morcego passou velozmente por cima de Boots, roçando-lhe o dedo ao de leve com o pelo da barriga e voltando a subir em espiral. No topo do arco, quando o morcego se virou de costas, Gregor notou pela primeira vez que alguém seguia montado no bicho. A pessoa tinha as pernas à volta do pescoço do morcego. Gregor percebeu que era uma rapariga.

A rapariga de cabeça para baixo soltou as pernas e lançou-se das costas morcego. Executou um perfeito duplo salto mortal para trás, rodando no último instante

para se voltar na direção de Gregor, e aterrou suavemente como um gato diante de Boots. Estendeu uma mão e a bola caiu nela no que foi ou um feito de sincronização espantoso ou uma sorte incrível.

Gregor olhou para o rosto da rapariga e percebeu pela sua expressão arrogante que a sorte nada tinha que ver com aquilo.